



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação infantil: comprometimento com a formação global da criança

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação infantil [recurso eletrônico] : comprometimento com a formação global da criança / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5706-435-1
DOI 10.22533/at.ed.351200110

1. Educação infantil. 2. Professores de educação infantil – Formação. 3. Crianças - Desenvolvimento. I.Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, portanto um período fundamental para a formação global das crianças, é nesse período que são transmitidos valores, regras, atitudes, comportamentos e aprendizados essenciais que serão a base da evolução de cada indivíduo e serão utilizados por toda a vida.

O contexto da Educação Infantil enquanto sistema organizado de ensino, tem suas bases históricas fundamentadas em diferentes abordagens ou funções sociais, essa obra vem trazer estudos que apresentam: - A evolução da concepção de infância no Brasil e seu reflexo nas políticas públicas educacionais, - A trajetória escolar e identidade do docente da educação infantil, seus caminhos e descaminhos e um rico estudo sobre - A percepção da adolescência feminina frente as questões de gênero relacionadas ao comportamento e a violência.

Será contextualizada também a história da leitura no Brasil, através de uma reflexão sobre a literatura para crianças na educação infantil, e como essa literatura pode ser uma ferramenta valiosa para as crianças que estão em tratamento no ambiente hospitalar.

Ao se falar de crianças, não se poderia deixar de comentar sobre as dificuldades alimentares, portanto também será apresentado um capítulo que vem refletir sobre as práticas alimentares dos bebês na creche e um capítulo que traz uma discussão de como a escola e o professor estão enfrentando a problemática da obesidade infantil.

No percorrer dessa obra o leitor terá oportunidade de desfrutar sobre os temas: - Meandros da educação física na educação infantil, voltando-se para a utilização do lúdico como pilar do aprendizado; - Danças, arte e corporalidade na educação infantil; - Educação visual e infância: um estudo dos desenhos; - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no contexto escolar e - Assédio moral: realidade e desafios no trabalho docente na educação infantil.

Diante de tamanha relevância do tema, a Atena Editora presenteia os leitores com essa obra, que intenciona a divulgação de reflexões, estudos, discussões e pesquisas referentes ao tema da educação infantil.

Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EVOLUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NO BRASIL E SEU REFLEXO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001101

CAPÍTULO 2..... 9

INFÂNCIA, TRAJETÓRIA ESCOLAR E IDENTIDADE PROFISSIONAL: UM ESTUDO DE NATUREZA NARRATIVA

Dirlene Graciano

Noemi Boer

DOI 10.22533/at.ed.3512001102

CAPÍTULO 3..... 22

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: OS PESQUISADORES EM SEUS CAMINHOS E DESCAMINHOS

Cláudia Vianna de Melo

Erica Cristian Reis dos Santos

Flávia Maria de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.3512001103

CAPÍTULO 4..... 28

A LEITURA NO BRASIL - UMA REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA PARA CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eliane Ferreira Rocha Alencar

Kellen Solange Fruhauf Stinghen

Luciene Toffoli de Oliveira

Rosangela Ludwig Capatto

DOI 10.22533/at.ed.3512001104

CAPÍTULO 5..... 40

UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.3512001105

CAPÍTULO 6..... 49

AS PRÁTICAS ALIMENTARES DOS BEBÊS NA CRECHE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Deise Bruna Massena Leite

DOI 10.22533/at.ed.3512001106

CAPÍTULO 7..... 58

A ESCOLA E O PROFESSOR: COMO TRATAR O TEMA DA OBESIDADE INFANTIL?

Priscila de Lima Gomes

Willian Rayner Lima

Léia Adriana da Silva Santiago
DOI 10.22533/at.ed.3512001107

CAPÍTULO 8..... 72

OS MEANDROS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO PILAR DO APRENDIZADO

Erika Castro dos Santos
André de Farias Leite
Edma Ribeiro Luz
Morgana Luísla de Sousa Rios da Costa
Raimundo Silva dos Santos
Mayara Mirelly Soares da Costa
Francisco Carlos da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.3512001108

CAPÍTULO 9..... 86

O LÚDICO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Lucila Macedo de Possidio
Jucicleide Maria dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.3512001109

CAPÍTULO 10..... 96

QUE DANÇAS CRIAM AS CRIANÇAS?: ARTE E COPORALIDADE NA EDUCAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Andréa Fraga da Silva
Patrícia Dias Prado

DOI 10.22533/at.ed.35120011010

CAPÍTULO 11..... 106

EDUCAÇÃO VISUAL E INFÂNCIA: UM ESTUDO DE DESENHOS PRODUZIDOS EM OFICINAS DE “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”

Cristiane Fatima Silveira
Giovana Scareli

DOI 10.22533/at.ed.35120011011

CAPÍTULO 12..... 117

TDHA-TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Sinara Amorim da Silva
Franciele Carvalho da Silva
Júnia Moreira de Freitas
Fernanda Matos de Moura Almeida
Maria das Graças Gonçalves Vieira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.35120011012

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 131 |
| OUVIR, OLHAR E LER ESTÓRIAS: A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES E LEITORAS | |
| Andressa Garcias Pinheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.35120011013 | |
| CAPÍTULO 14 | 149 |
| UM ESTUDO DA PERCEÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FEMININA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO RELACIONADAS A COMPORTAMENTO E VIOLÊNCIA | |
| Karla Dayana Araújo da Paixão | |
| DOI 10.22533/at.ed.35120011014 | |
| CAPÍTULO 15 | 157 |
| IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES PARA A APRENDIZAGEM DO AUTISTA | |
| Eliane Ferreira Rocha Alencar | |
| Kellen Solange Fruhauf Stingham | |
| Luciene Toffoli de Oliveira | |
| Rosangela Ludwig Capatto | |
| DOI 10.22533/at.ed.35120011015 | |
| CAPÍTULO 16 | 166 |
| ASSÉDIO MORAL: REALIDADE E DESAFIOS NO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO MARANHÃO | |
| Nailton Sousa Saraiva | |
| José Luis dos Santos Sousa | |
| Flávio Henrique Mendes | |
| Francisco Claudio Assunção Lima | |
| Fernando Machado Ferreira | |
| Leoilma Morais Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.35120011016 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 180 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 181 |

UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO DA ADOLESCÊNCIA FEMININA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO RELACIONADAS A COMPORTAMENTO E VIOLÊNCIA

Data de aceite: 01/10/2020

Karla Dayana Araújo da Paixão

UERJ

Rio de Janeiro / RJ

<http://lattes.cnpq.br/4792181937417221>

Nasci mulher, sou mulher, do sexo biológico feminino, do gênero feminino, de corpo, alma e coração feminino, portanto social e emocionalmente considero-me uma mulher. Porém, sou uma mulher que gosta de rosa e de azul, que, quando criança, gostava de brincar de boneca e de jogar bola. Nos termos de Butler (2003, p. 19-20), “A crítica feminista deve também compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédios das quais se busca a emancipação”.

Posteriormente, no ciclo do meu desenvolvimento, já fui adolescente, fase em que vivenciei uma gravidez não planejada e tornei-me mãe, agora sou mãe de uma adolescente.

Hoje sou uma mulher adulta e aprecio, mas desconheço a autoria da seguinte frase: “*seja a mulher que você precisava ter por perto quando você era uma menina*”. Na minha

adolescência, gostaria de ter tido mais orientação educacional sobre as transformações no corpo, na mente e nos sentimentos. Essa é uma entre as diversas justificativas que me fizeram ter interesse por uma pesquisa sobre as questões e relações de gênero, com atenção especial ao feminino.

O pesquisador Juarez Dayrell (2003) considera que são várias as imagens que interferem na maneira de compreender os jovens e uma das mais arraigadas é sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é futuro, um “vir a ser”.

Como futura pedagoga e como mulher, mãe, filha, neta, irmã e amiga de mulheres, sinto a necessidade de abordar sobre esse tema, com atenção para as adolescentes do sexo feminino na construção do discurso e práticas a respeito dos direitos das mulheres. Assim, a pergunta central que eu pretendo responder com a minha pesquisa que está em desenvolvimento é: quais são as ideias e práticas de um grupo de adolescentes sobre as questões de gênero relacionadas a comportamento e violência?

Chama-me muito a minha atenção a diferença na forma de criação de meninas e meninos, independente da classe social e do lugar em que se vive. Há uma hierarquia e divisão daquilo que pertence ao menino e o que pertence à menina, seja na vestimenta, brincadeira ou comportamento, sabemos que o

1. Agradeço imensamente a minha querida professora Lisandra Ogg Gomes pela orientação na pesquisa

sexo biológico interfere na educação, e a criação direcionada para cada gênero, depende muito da cultura e da sociedade. Para Jane Felipe (2018, p. 4), as questões de gênero não são da ordem do natural, mas “são tramados a partir das expectativas históricas, sociais e culturais, que vão se transformando ao longo do tempo e podem variar consideravelmente de cultura para cultura”.

Algo que também me motivou a falar sobre as questões de gênero foi para estudar a violência de gênero, pois a cada dia se torna mais visível os casos de feminicídio no Brasil. Acompanho com preocupação os casos e a forma banal como esse assunto é tratado na mídia e nas conversas informais.

A impressão que tenho, ao ouvir que mais uma mulher foi assassinada, é que a questão parece mais uma fofoca, algo que não é da nossa conta, visto que não conhecemos essa pessoa, apenas comentamos, porque esta sendo noticiado. Então passei a me questionar: – *Como as adolescentes tem recebido estes noticiários?*

Mas como revelado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), por meio do documento “Atlas da Violência 2016”, 13 mulheres são assassinadas por dia no Brasil. “Isso significa dizer que, no ano em que o Brasil comemorava a Copa do Mundo e se exibia ao mundo como nação cordial e receptiva, 4.757 mulheres foram vítimas de mortes por agressão”.

Na adolescência fui vítima de violência de gênero, aos 14 anos de idade e cursando o 1º ano do Ensino Médio, em uma escola pública localizada no bairro de Bonsucesso, na Zona Norte do Rio de Janeiro, sofri *bullying* por ser moradora de uma comunidade rival de onde se localizava a escola. Justo nessa fase, quando queremos ser aceitos, eu fui muito mal recebida naquela escola e nessa época iniciei um namoro com um rapaz que era veterano e respeitado na escola. Quando quis terminar o relacionamento, ele não aceitou e me ameaçou. Além disso, marcou um encontro comigo e levou um grupo de mulheres para me agredir. Com apenas 14 anos de idade eu já precisava lutar como uma garota, não no sentido literal dessa palavra e sim no sentido figurado, que envolve força e resistência. Ainda que essa situação possa ser compreendida considerando questões sociais e estruturais, também gosto de dizer que graças à Deus e à minha família que me acompanhou nesse encontro, porque a diretora da escola, que estava ciente desses acontecimentos, alertou a minha mãe do perigo que eu estava correndo, e eles me auxiliaram para que nenhuma violência física ocorresse comigo.

Por conta disso, fui transferida para uma escola localizada na Penha, também Zona Norte do Rio de Janeiro e novamente a adaptação foi muito difícil. Mais uma vez não tive uma boa recepção, mas dessa vez o motivo não era por ser moradora de área rival, pois a facção criminosa dominante da área dessa escola era a mesma que dominava a comunidade da minha residência. Confesso que até hoje eu me pergunto os motivos reais por eu também não ter sido bem aceita naquela escola, penso nas possibilidades e avalio, entre muitas, que entrei no meio do ano, fui transferida de outra escola por problemas,

os grupos de amizades já estavam formados, eu era uma adolescente bonita, loira e usava muito a cor rosa. Essas são algumas das expectativas acerca do gênero acionadas diariamente, exigindo um comportamento correlacionado se se nasce com pênis ou vulva, a partir dos quais se constituem as masculinidades ou feminilidades (Felipe, 2018).

Nessa escola sofri violência simbólica, limpavam o quadro com a minha blusa da escola, enquanto eu trocava de roupa em uma aula de Educação Física, e pela falta de receptividade mais uma vez eu precisei mudar de escola e novamente senti as amarguras causadas pelas questões de gênero, algo que nessa época eu nem sabia que existia. Foi também nessa época que espontaneamente comecei a frequentar a igreja evangélica, pois até então eu frequentava a igreja católica a convite da minha mãe, a espiritualidade me ajudou a enfrentar os dilemas da adolescência.

Quando eu estava em minha 3ª escola, cursando o 1º ano do Ensino Médio, essa localizada em Brás de Pina, também Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro conheci pessoas incríveis, que me acolheram, e me ajudaram nessa fase da adolescência, amizades que me acompanham até hoje.

Essa foi a experiência que eu vivi na minha adolescência, uma fase tão complexa e marcada por outras dificuldades e virtudes, como, por exemplo, o falecimento do meu pai, a conclusão do Ensino Médio e o nascimento da minha filha. Norbert Elias e John Scotson (2000) consideram que tanto adolescentes quanto crianças têm que buscar tateantemente sua identidade individual, seu valor e seu orgulho pessoal. No entanto, crianças e adolescentes que crescem estigmatizadas têm dificuldade em escapar da sua posição, o que influencia no desenvolvimento da sua autoimagem, em seu sentimento de identidade e orgulho em sua relação com os semelhantes.

Na infância, geralmente são os pais quem escolhem pelos filhos, escolhem a roupa que irão vestir e o brinquedo que irão brincar, na fase da infância e da adolescência inicia-se a interação com os pares e na adolescência inicia-se o poder de escolha. A chegada a fase da adolescência é um momento da vida que traz transformações biológicas, psicológicas e sociais, que resultam em mudanças no poder de escolha, interações, desejo de ser aceito, manifestação da sexualidade e identificações entre pares, questões que atuam na formação da personalidade até a independência econômica. “O aumento da responsabilidade aparece como a grande mudança ocorrida com o final da adolescência (...) que vem associada ao fim das coisas boas e perda de situação prazerosa” (OZELLA, AGUIAR, 2008, p. 1006).

A adolescência é esse período de passagem da criança para a entrada na vida adulta, na qual tanto o/a jovem como a sociedade têm expectativas quanto ao seu futuro. Além disso, é um período com mudanças corporais, em decorrência da puberdade, que as questões vinculadas aos relacionamentos afetivos se afloram, tudo na adolescência se torna um grande drama sem fim. O gênero teoriza a prática e busca compreender um sistema de relações baseado nas diferenças percebidas entre sexos, não tem o caráter fixo

e/ou apenas uma oposição binária (SCOTT, 1995).

Diante da minha história de vida e por ser mãe de uma adolescente, acredito ser importante saber como esse assunto é entendido por um grupo de adolescentes que estão formando a sua personalidade, iniciando vários tipos de relacionamentos e formando opiniões acerca da sexualidade, sexo e gênero, questões que os/as acompanharão pelo resto da vida. Assim, pretendo identificar de que forma elas já se deparam com as relações de poder que envolve os gêneros e se elas encontram alguma dificuldade na vida por questões de gênero. Entendo que essa é uma questão que demanda debate e esclarecimentos constante sobre direitos, reconhecimentos e leis. Portanto, nessa pesquisa, considerarei o que as adolescentes pensam, sabem, discursam e praticam considerando seus cotidianos e o que está posto na lei.

Sendo assim, essa pesquisa, de iniciação científica, visa conhecer a percepção de um grupo de adolescentes do sexo feminino sobre as questões de gênero, com atenção especial para a violência de gênero. Minha proposta é pesquisar meninas com idades entre 12 e 17 anos, estudantes de escolas públicas e privadas, e moradoras da cidade do Rio de Janeiro.

Para esse estudo, pretendo aprofundar-me nos conceitos de geração, jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos (MANNHEIM, 1992; QVORTUP, 2010) e gênero (SCOTT, 1995; BUTLER, 2003), buscando compreender de modo pormenorizado como se articulam os conceitos de adolescência, relações de poder e violência de gênero. Assim tenho como objetivo dessa pesquisa, iniciada em 2018, compreender e verificar as ideias e práticas desse grupo de adolescentes a respeito das questões de gênero e o que conhecem sobre as leis de proteção ao gênero feminino.

Com esse trabalho pretendo traçar um comparativo entre teorias e práticas no que se refere as questões de gênero. Também será objetivo dessa pesquisa identificar se alguma delas sofrem ou já sofreram violência de gênero ou se conhecem alguém que esteja passando por esse tipo de situação.

Qvortup (2010) analisa a infância como uma categoria geracional ampla, considera que dentro da infância temos uma diversidade etária e infâncias. No Brasil, o Estatuto da Criança e Adolescência (BRASIL, 1990) indica que a infância abrange crianças e adolescentes.

A historiadora Scott (1995) trata de gênero como mudanças nas relações sociais que correspondem a mudanças nas representações de poder, mas que não são sempre unidirecionais. Nesse sentido, gênero implica 4 elementos inter-relacionados:

- símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações;
- conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas;
- concepções políticas e referência às instituições e à organização social;

- identidade subjetiva: como é construída (SCOTT, 1995).

Portanto, para Scott (1995) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseados em diferenças percebidas entre os sexos e também deve ser compreendido como uma forma primária de significação das relações de poder.

Entendo, assim, que qualquer relação social esta pautada com as questões de gênero, por exemplo, quando se afirma uma representação que a mulher deve ser mais carinhosa e o homem é mais bruto, mesmo que se saiba que nem sempre é assim, pois dentro do campo feminino e masculino existem vários tipos de personalidades e identidades.

Também entendo que diante dessas relações de poder é preciso educar meninas e mulheres – amiga, filha, irmã, mãe ou uma mulher desconhecida – para que seja criado uma rede de conhecimento e de proteção considerando as questões de gênero e seus direitos. Pois acredito que proteger é ter afinidade e empatia pelo outro, é entender que em briga entre marido, namorado, amigos e mulher deve-se meter a colher. Dessa forma, falar sobre as questões de gênero é muito importante para a sociedade como um todo, pois os jovens precisam preparar-se para aprender a lidar com a diversidade de personalidades entre os gêneros. O objetivo é desconstruir essa noção de poder (Simone de Beauvoir).

Sou graduada em Gestão de Recursos Humanos e graduanda em Pedagogia, e hoje como aluna de um curso de educação, entendo o quanto é importante abordarmos essas questões e conhecermos como pensam essas adolescentes, percebermos como elas se consideram como sujeito de direito e identificarmos as relações de poder e violência impostas na relação entre sujeitos de sexos diferentes. É sabido que existem vários tipos de violência contra a mulher, como, por exemplo, física, sexual, psicológica, simbólica e econômica/patrimonial e é preciso conhecê-las e divulgá-las para que mulheres e homens, meninas e meninos, as adolescentes e os adolescentes, idosos e idosas saibam quando sofrem ou empregam esses tipos de violências. Segundo o capítulo II, artigo 7º, da Lei Maria da Penha Federal nº 11.340/2006, aprovada em 07 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, os tipos de violência estão, indicados:

a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos

a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006, p. 15)

Por fim, um conceito que será tratado nessa pesquisa é o de feminicídio, que é o termo usado para denominar assassinatos de mulheres cometidos em razão do gênero. No Brasil, o decreto Lei 13.104, de 9 de março de 2015, foi alterado acrescentar ao Código Penal que passa a prever o feminicídio como circunstância qualificadora de crime de homicídio (BRASIL, 2015).

O gênero feminino já se depara com a violência de gênero na infância? E o que as adolescentes pensam sobre isso? Essas são algumas das perguntas que eu pretendo responder com essa pesquisa científica. Assim para responder essas questões considero essa uma pesquisa qualitativa, pois trata-se de um estudo de caso, através de observação, participação no cotidiano dessas adolescentes, conversas informais em formato de entrevistas pelas redes sociais com as adolescentes e acompanhamento das suas postagens.

Pretendo entender como elas pensam sobre as questões aqui apresentadas. Também faço trocas com meus pares no espaço acadêmico, o que me ajuda a conhecer mais sobre um tema que precisa estar constantemente em debate. Pretendo identificar quais são as práticas utilizadas pelas adolescentes, além de verificar principalmente o que elas pensam sobre essas práticas e o que elas gostariam que fosse melhorado, essas informações são de suma importância para o nosso desenvolvimento social. Também gostaria de saber a opinião das meninas sobre gênero quanto à academia e a religião, como o machismo linguístico e a submissão feminina bíblica.

A hipótese deste trabalho é que as ideias e práticas a respeito dos direitos das mulheres devem ser informadas para as mulheres e discutidas por elas mesmas, pois são elas quem sofrem as consequências e ninguém melhor do que elas para opinar sobre a proteção.

Ao olhar para o passado, não muito distante, deparo-me com letras de músicas de

cantores conceituados que empregam a violência de gênero, por exemplo:

Na subida do morro me contaram,

Que você bateu na minha nega

Isso não é direito Bater numa mulher que não é sua

Moreira da Silva e Ribeiro da Cunha. *Na subida do morro*, 1958.

Outro exemplo:

Mas se ela vacilar,

vou dar um castigo nela

Vou lhe dar uma banda de frente

Quebrar cinco dentes e quatro costelas.

Zeca Pagodinho e outros. *Faixa amarela*, 1997.

Esses tipos de canções com letras de violência de gênero não são coisas apenas do passado, são letras que tratam de violência física, psicológica e econômica.

Considero relevante cultivarmos a coragem nas nossas filhas e em outras jovens sendo um exemplo para elas. Se elas virem as suas mães e outras mulheres nas suas vidas seguindo em frente apesar do medo, elas vão saber que é possível. Essa colocação para mim é muito verdadeira, pois eu segui em frente apesar do medo, e desejo ser um bom exemplo de superação para a minha filha e para outras jovens.

Nós mulheres lutamos muito para chegar até aqui, conquistamos o direito ao voto, deixamos de ser consideradas civilmente incapazes, conseguimos igualdade de direitos perante aos homens em determinadas áreas, conseguimos aprovar leis como Maria da Penha, Feminicídio e hoje somos maioria na academia, não podemos regredir, pelo contrário, devemos avançar cada vez mais, sem perder a nossa essência feminina que é algo admirável e belo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Maria da Penha**: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº. 24, set./dez. 2003.

ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2016**. Brasília, nº. 17, março, 2016.

MANNHEIM, Karl. "O problema sociológico das gerações". In: MANNHEIM, Karl. **Karl Mannheim**: sociologia. São Paulo: Ática, 1982

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: FESUP, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago., 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Sociedade**, vol. 20, nº. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 68, 69, 70, 71

Aprendizagem 11, 12, 6, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 31, 33, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 54, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 117, 121, 122, 125, 126, 128, 130, 132, 157, 163, 164, 165, 176, 177

Arte 9, 11, 4, 39, 43, 60, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 109, 115, 116, 132, 135, 138, 146

Assédio Moral 9, 12, 166, 167, 168, 169, 171, 174, 175, 176, 178, 179

Atividade lúdica 92, 93

B

Bebês 9, 10, 2, 24, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

C

Caminhos 9, 10, 11, 21, 22, 24, 26, 33, 70, 100, 103, 108, 133, 145

Contexto escolar 9, 11, 84, 117, 129

Corporalidade 9, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105

Creche 9, 10, 4, 22, 23, 24, 25, 26, 49, 50, 51, 54, 56, 131, 133, 141, 142, 143

Crianças Hospitalizadas 10, 40, 42, 43, 44, 45

Cuidado 10, 16, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 65, 76, 87, 88, 93, 138, 146

D

Danças 9, 11, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Descaminhos 9, 10, 22, 24, 26

Desenhos 9, 11, 15, 29, 62, 102, 106, 109, 110, 114, 115, 140, 141

Desenvolvimento 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 29, 30, 32, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 58, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 119, 121, 122, 126, 128, 141, 143, 144, 149, 151, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180

Docência 11, 13, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 131, 133, 168

E

Educação Física 9, 11, 17, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 151

Educação Infantil 2, 9, 10, 11, 12, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 18, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 99, 105, 116, 117, 120, 131, 132, 133, 140,

141, 144, 145, 146, 147, 157, 166, 168, 169, 171

Educação visual 9, 11, 106

Escola 9, 10, 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43, 45, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 101, 106, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 137, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 169, 170, 175, 179

Escolha profissional 9, 11

I

Infância 9, 10, 11, 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 27, 49, 52, 54, 56, 60, 62, 64, 71, 74, 76, 80, 86, 87, 88, 91, 96, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 118, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 146, 151, 152, 154, 156

L

Legislação 1, 3, 4, 5, 6

Leitura 9, 10, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 48, 107, 108, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 168, 169

Literatura 9, 12, 1, 6, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 72, 74, 75, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 158, 159, 169, 171, 176

Literatura infantil 10, 31, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 138, 139, 140

Lúdico 9, 11, 9, 12, 17, 45, 69, 72, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 132

O

Obesidade infantil 9, 10, 58, 64, 65, 66, 70, 71

P

Pedagogia Hospitalar 40, 41, 42, 48

Políticas Públicas Educacionais 9, 10, 1, 3

Prática educativa 9, 18, 20, 30, 33, 134

Práticas alimentares 9, 10, 49, 50, 51, 55

Preconceito 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71

Professor 9, 10, 15, 16, 17, 19, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 44, 53, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 93, 105, 108, 117, 120, 121, 122, 124, 128, 147, 148, 157, 163, 175, 179

T

Trabalho Docente 12, 166

V

Vivências da infância 9

Educação Infantil: Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação Infantil:

Comprometimento com a Formação Global da Criança

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 